

# A última homenagem a Sérgio Buarque de Holanda. E os curiosos ficaram de fora.

**Os que foram ontem de manhã ao cemitério de Vila Alpina apenas para ver os famosos filhos do professor Buarque ficaram de fora. À última homenagem, uma oração de Frei Beto, assistiram apenas a família e amigos.**

Mais de 200 admiradores do patriarca Sérgio Buarque de Holanda e do seu filho, Chico Buarque de Holanda, movimentaram ontem pela manhã o cemitério da Vila Alpina, onde o historiador e escritor recebia as últimas homenagens pela sua morte, ocorrida no sábado às 9h30 da manhã.

Dona Maria Amélia e os filhos Sérgio, Maria do Carmo, Maria Cristina, Álvaro, Chico, Ana Maria, Miúcha e a neta Bebel permaneceram juntos na cerimônia encomendada pelo frei Beto, enquanto do lado de fora da sala de vidro, velhos, jovens, crianças e mulheres observavam atentamente a tristeza da família Buarque de Holanda e o discurso de frei Beto:

"Os mansos terão o reino do céu, os aflitos serão consolados... Para um homem anticonvencional como foi nosso querido amigo e pai, uma oração anticonvencional. Hoje nos despedimos dele pelo coração, pelo que ele representou e representa. Sua firmeza, sua fidelidade, sua coragem, sua permanente juventude".

Dona Maria Amélia, com as mãos entrelaçadas próximas do coração, em permanente oração, ouviu frei Beto:

"Conhecemos os frutos, as sementes, seus filhos, sua obra. Mais do que ninguém ele nos ensinou a ler a história do Brasil com uma leitura pela ótica dos pequenos, dos humilhados".

Um velho admirador de Sérgio Buarque de Holanda, Ramon Dias, um anônimo que foi até o cemitério, sabia do que frei Beto estava falando. Ele mesmo já havia presenteado o seu livro "Raízes do Brasil" a cinco amigos.

Como ele, os que foram render homenagens, conheciam sua obra: Severo Gomes, Mário Schemberg, Clara Maringuela, Antonio Candido, Paulo Vanzolini, Darcy Ribeiro, Carlinhos Vergueiro, Eduardo Suplicy, Perseu Abramo.

O escritor e antropólogo Darcy Ribeiro dizia emocionado: "Ele falava com sabedoria do Brasil, não com discursos didáticos, mas dizia com intimidade de cada coisa que acontecia no Brasil. Ele foi uma pessoa linda, vai fazer muita falta".

O professor e compositor Paulo Vanzolini que desde os anos 40 freqüentou a casa dos Buarque de Holanda comentou sobre a influência intelectual de Sérgio B. de Holanda sobre todos e de como ele gostava de uma "cantoria". Afinal Vanzolini como Vinícius de Moraes tinham na casa de Sérgio Buarque de Holanda um lugar de encontro para música, para as conversas e debates.

Na sexta-feira, antes de ser acometido por um colapso cardí-

co, agravado pela pneumonia que o mantinha enfermo há 15 dias, ele ainda se preocupava com essa história do Brasil, tão íntima dele, ao almoçar com Frei Beto e Luís Ignácio da Silva, o Lula. Sérgio Buarque de Holanda, segundo o deputado Eduardo Suplicy, foi um dos principais intelectuais do PT.

Para quem não pôde entrar no salão de cerimônias da Vila Alpina, que antecede a cremação, um aperto de mão do ídolo Chico Buarque de Holanda, que agradecia. E que confidenciava na véspera do enterro: "perdi um grande amigo".

## Vida e obra

Sérgio Buarque de Holanda morreu pouco antes de fazer 80 anos: nasceu a 11 de junho de 1902, na rua São Joaquim, no bairro da Liberdade, em São Paulo, filho de pai pernambucano e mãe carioca. Começou sua vida intelectual como jornalista aos 17 anos, publicando artigos sobre literatura no **Correio Paulistano**. Ainda como jornalista foi representante da revista **Klaxon** no Rio de Janeiro, durante os anos da faculdade de direito. Logo depois de formado, foi correspondente dos **Diários Associados** na Alemanha durante três anos.

A carreira universitária de Sérgio Buarque de Holanda também tem um extenso currículo: foi professor de História da América e Civilização Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal de 1936 a 1939; diretor da Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional de 1942 a 1945; diretor do Museu Paulista de 1947 a 1952; professor de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma de 1952 a 1954; e professor de História da Civilização Brasileira na USP de 1956 a 1969.

Membro da Academia Paulista de Letras, e tendo recusado inúmeros convites para concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, Sérgio Buarque de Holanda é considerado um renovador dos nossos estudos históricos e literários. Seu primeiro livro, hoje considerado um clássico, **Raízes do Brasil**, foi editado em 1936. Em 1944 aparece **Cobra de Vidro**, uma antologia de ensaios literários anteriormente publicados em **Diário de Notícias** e **Diário Carioca**. Sua obra ainda inclui, além dos vários volumes de sua **História Geral da Civilização Brasileira**, que ele deixou inacabada, os livros **Monções** (1945); **Caminhos e Fronteiras** (1957); **Visão do Paraíso: Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil**; e o recente **Tentativas de Mitologia**, pelo qual recebeu, há dois anos, o troféu Juca Pato concedido pela UBE.

A última homenagem a Sérgio Buarque de Holanda.  
E os curiosos ficaram de fora. // JORNAL DA TARDE //  
São Paulo, 26 abr 1982. p. 19  
Artigo sobre a obra e a morte de Sérgio.